

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

**NEIRE CONCEIÇÃO NUNES LOPES**

**TEATRO, MEMÓRIA, MÚSICA E POESIA NA “MELHOR IDADE”:  
RELATOS DE UMA VIVÊNCIA**

**BELÉM -PA  
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM TÉATRO

**NEIRE CONCEIÇÃO NUNES LOPES**

**TEATRO, MEMÓRIA, MÚSICA E POESIA NA “MELHOR IDADE”:  
RELATOS DE UMA VIVÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Pará, como requisito para a obtenção do  
título de Licenciada em teatro.

Orientador: Prof. Me. Paulo Roberto  
Santana Furtado.

BELÉM – PA  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

---

L864t      Lopes, Neire Conceição Nunes  
              Teatro, memória, música e poesia na "melhor idade": relatos de  
              uma vivência / Neire Conceição Nunes Lopes -- 2019.

              Orientador Prof<sup>o</sup>. Me. Paulo Roberto Santana Furtado.  
              Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,  
              Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de  
              Licenciatura em Teatro, Belém, 2019.

              1. Teatro – Estudo e ensino. 2. Extensão universitária. 3. Velhice. I.  
              Título.

CDD - 22. ed. 792.7

---



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA



### ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às quinze horas, reuniu-se, na sala 06 desta ETDUFPA, a banca examinadora composta pelos docentes **Dr. M. Paulo Roberto Santana Furtado** (orientador e presidente – SIAPE nº 1325134), **M.ª Claudia do Socorro Gomes da Silva** (membra examinadora – SIAPE nº 2178291) e **M.ª Tânia Cristina dos Santos Santana** (membra examinadora) para a avaliação do trabalho de conclusão de curso de autoria da aluna **NEIRE CONCEIÇÃO NUNES LOPES**, matrícula nº 201611240002, intitulado “TEATRO, MEMÓRIA, MÚSICA E POESIA NA MELHOR IDADE: Relatos de uma vivência”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:


O trabalho foi Aprovado com conceito Excele.Tc,  
feitas as seguintes observações: Revisão e formatação conforme  
os padrões da ABNT.

E, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, foi assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 18 de dezembro de 2019.

  
Dr. M. Paulo Roberto Santana Furtado  
Orientador

  
Prof.ª M.ª Claudia do Socorro Gomes da Silva  
Examinadora

  
M.ª Tânia Cristina dos Santos Santana  
Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Neire Conceição Nunes Lopes

Local e Data: Belém, 13 de janeiro de 2020

A Deus criador de todas as coisas;  
À minha mãe, Odila Miranda Nunes;  
Aos meus filhos: Dyego, Allain e Bryan  
Lopes Marczewski.

## AGRADECIMENTOS

À generosidade divina que me deu forças nesta caminhada permitindo grandes encontros com pessoas que marcarão para sempre a minha vida.

Aos meus avós, paternos e maternos, em especial às minhas avós Alice Miranda Nunes e Maria da Conceição.

À minha amada mãezinha, Odila Miranda Nunes.

Aos meus amados filhos Dyego Marczewski, Allain Marczewski e Bryan Marczewski.

Às minhas noras Efigênia França Marczewski, Samara Ferreira Trindade, Gisele Barbosa.

Ao querido Mestre Paulo Roberto Santana Furtado, meu orientador.

À Universidade Federal do Pará.

A todo o corpo docente e técnico - administrativo da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará - ETDUFPA.

À Suely, a tia da cantina, com suas formas de carinho e incentivo, para mim através de meus chás e sucos preferidos e preparados sempre que eu precisava.

A todos os meus amigos que sempre me incentivaram quando das minhas fragilidades.

A todos os participantes do Projeto de Extensão Teatro Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, por toda confiança, carinho e partilha.

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, ação criadora e modificadora da realidade”.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho traz relatos que percorrem pelas memórias da minha infância, dos encontros com meus avós, da mãe, da mulher, do acaso que se encarregou de me trazer ao teatro e que me fez escolher o curso de Licenciatura em Teatro e as implicações dessa escolha na minha vida. Mostra também a importância das atividades de extensão na relação entre Universidade e Comunidade e a contribuição para a formação do docente. No projeto de extensão Teatro Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, ampliei meu olhar sobre a velhice, vivenciei a práxis docente nos estágios supervisionado I e II, conhecendo realidades outras, favorecendo as descobertas que irão enredar minha formação, quando da aplicação da teoria e da prática que trarão conhecimentos ao processo de ensino/ aprendizagem, da escolha do campo de aplicação dos saberes e do meu perfil enquanto professora de teatro.

**Palavras-chave:** Estágio. Extensão. Melhor Idade. Memória. Teatro.

## ABSTRACT

This present academic work has relates, that describing myself childhood memories how to meeting with grandfathers and grandmothers; of the mother, of the woman, of the chance that has brought me at the theatre and that made me choose this graduation course in theater and the implications of my choice showed me. Offered me see the relevance university extension activities between university and community and the contribution for Educational Training staff. On the Extension Project Theatre and Memory, Music and Poetry in the Best Age, I expanded may gaze about old age, I lived it in praxis teaching in the supervised stages I and II, knowing others realities, increasing discoveries that it will entangling my formation, when application, theory and the practice that bring-me knowledge about all those teaching/learning process, by choice knowledge field application and mine profile while theatre's teacher.

**Keywords:** Stage. Extension. Best Age. Memory. Theatre.

## LISTA DE SIGLAS

- ALBRÁS - Alumínio Brasileiro S.A.
- CONDETUF - Conselho Nacional de Diretrizes das Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais
- EEETEPa - Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará
- EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
- ETDUFPA - Escola de Teatro e Dança da UFPA
- PROEX - Pró-Reitoria de Extensão
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UFPA - Universidade Federal do Pará
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto das crianças.....	19
Figura 2 - Aplicação de piso Korodur.....	21
Figura 3 - Comemoração da aprovação na UFPA.....	26
Figura 4 - “Senhora do tempo”.....	28
Figura 5 - Cartaz de divulgação.....	35
Figura 6 - Cartaz de divulgação.....	36
Figura 7 - Cartaz de divulgação.....	38
Figura 8 - Cena do Noivo fujão.....	38
Figura 9 - Cena da Revelação.....	39
Figura 10 - Cena “a donzela e o delegado”.....	39
Figura 11 - Elenco.....	40
Figura 12 - Cristal Citrino Drusa.....	42
Figura 13 - Cartaz de divulgação.....	44
Figura 14 - Asilo.....	44
Figura 15 - Cena “Delírio materno”.....	45
Figura 16 – Cena “Mercenária”.....	45
Figura 17 - Cena “A Bailarina”.....	46
Figura 18 - Cena “Esquecidos”.....	46
Figura 19 - Panorâmica elenco/plateia.....	47
Figura 20 - Cartaz de divulgação.....	48
Figura 21 – Cena da Ciranda-cirandinha.....	49
Figura 22 - Cena Tiro-tiro-lá.....	49
Figura 23 – Cena da Lagoa.....	50
Figura 24 – Cena do Túnel do tempo.....	50
Figura 25 – Cena do Arraiá.....	51
Figura 26 - Elenco.....	51
Figura 27 - Panorâmica elenco/plateia.....	52

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	EU, O TEATRO E A LICENCIATURA.....	15
2.1	Eu.....	15
2.2	O Teatro e a Licenciatura.....	22
3	O PROJETO DE EXTENSÃO: TEATRO MEMÓRIA, MÚSICA E POESIA NA MELHOR IDADE E AS VIVÊNCIAS E PRAXIS NA DOCÊNCIA.....	30
3.1	Resumo do Projeto de Extensão.....	30
3.2	As Vivências no Projeto de Extensão.....	32
4	OS ATRAVESSAMENTOS NA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	53
5	CONCLUSÃO.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Teatro, Memória, Música e Poesia na “Melhor Idade”: Relatos de uma Vivência, é um trabalho desenvolvido a partir do ensino do teatro, durante meus três anos de experiência e campo de aplicação em meu estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Teatro da UFPA.

Quero relatar as experiências vividas durante o estágio docente do curso de Licenciatura em Teatro e suas contribuições para a minha formação acadêmica. A pesquisa será desenvolvida a partir dos Estágios I e II. O Estágio é uma etapa fundamental; é nele que o discente colocará em prática os conhecimentos adquiridos na universidade, gerando experiências e abrindo portas para a sua carreira profissional.

Além do que, durante o período da realização do estágio, o acadêmico terá um norte na vida do ambiente escolar. É neste ambiente que ele poderá tirar as suas dúvidas da profissão.

A realização de meus estágios aconteceu a partir de minha entrada no Projeto de Extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade. O referido projeto iniciou suas atividades no ano de 2016 e tem como objetivo planejar e executar ações que trabalham a linguagem teatral para pessoas da “melhor idade” com o intuito de promover uma atividade que mantenha viva a memória e promova o bem estar dos participantes, em atividades lúdicas e prazerosas com resultados apresentados ao término de cada semestre.

São oficinas permanentes de jogos teatrais, vocal e corporal acompanhado de exercícios de memória poética e musical, junto com um diálogo democrático, onde o participante é capaz de criar peças teatrais coletivas, tendo como mote suas memórias e histórias de vida.

Além de experimentarem todo o processo de criação teatral, os participantes do projeto convivem no ambiente universitário e aprendem socializarem-se além de conhecerem novas pessoas, tornando-se agentes pessoais de cultura, à medida que divulgam obras teatrais para a comunidade da qual participam.

Este trabalho parte do problema de como vivenciar experiências teatrais com a

melhor idade, buscando encontrar respostas para alguns questionamentos e dúvidas que me afligem, enquanto profissional em formação onde a necessidade de adquirir mais conhecimento sobre esse assunto era muito importante.

Esta pesquisa se justifica pela vontade de vivenciar práticas teatrais em todas as fases do ensino, uma vez que já tive experiência com crianças, adolescentes e jovens, me faltando a fase da velhice.

É o resultado de uma pesquisa qualitativa como participante e observador, que combinou experimentos teatrais e o processo artístico, uma vez que tanto a pesquisa quanto a vivência teatral buscam a subjetividade, com seus questionamentos e indagações. Para tal trabalhamos com os eixos temáticos do projeto: Teatro, Memória, Música e Poesia, com a linguagem teatral durante toda etapa, fundamentada em jogos teatrais.

A coleta de dados foi feita durante toda a minha vivência com o projeto, através de diálogos e coleta de depoimento dos participantes.

Após a Introdução deste trabalho, apresento no segundo capítulo memórias de minha infância e a minha trajetória de vida como mãe e mulher, e do acaso que me fez encontrar com o teatro e seus atravessamentos decorridos desse encontro, que me trouxeram a decisão de escolha pelo Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA.

Já no terceiro capítulo, trago um resumo do Projeto de Extensão Teatro Memória Música e Poesia na Melhor Idade, a minha vivência no projeto e as elaborações de dramaturgias para construções dos espetáculos como resultado artístico.

No quarto capítulo, elenco as contribuições para minha formação acadêmica, nas atividades desenvolvidas no projeto e o enriquecimento para o meu processo de ensino/aprendizagem, que gerou experiências e olhares, que ampliaram novos campos de trabalho para o exercício de minha carreira profissional, durante minha permanência no projeto de extensão enquanto bolsista e estagiária, e finalmente concluo este trabalho, mareada por todos os atravessamentos, percepções, enriquecimentos que a vivência no teatro me ofertou, fazendo-me testemunha do potencial do mesmo, na vida das pessoas da melhor idade, e consciente de minha responsabilidade social enquanto professora de teatro.

## 2 EU O TEATRO E A LICENCIATURA

“O objeto próprio das minhas confissões é revelar com exatidão o meu íntimo em todas as situações da minha vida” (ROUSSEAU, 1959, p. 278).

### 2.1 Eu

Nasci na cidade de Santarém, situada no Oeste do Pará, conhecida como “a Pérola do Tapajós”, lá onde o boto vem dançar com a cabocla, como canta o cancionista, filho da terra.

Meus pais e avós são nascidos no interior de Santarém. Meus pais, Sergio e Odila, se conheceram quando vieram para Santarém: minha mãe para estudar e meu pai para o serviço militar; eles se casaram e continuaram a morar em Santarém, onde tiveram nove filhos.

Meu pai era marmoriteiro, ofício que aprendeu no exército. Minha mãe é costureira e pedagoga.

Eu sou a mais velha, a primeira de uma prole de nove filhos, seis mulheres e três homens. De minha infância tenho fortes lembranças das viagens de barco que fazíamos para o interior, que eu chamava de “travessias para o amor”.

Nessa região é muito comum ao chegar as férias de julho e dezembro as famílias se deslocarem para o interior, principalmente as crianças, enquanto os pais seguem suas rotinas de trabalho, como diz Bosi (1994, p. 73), “enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós...”

Os meus avós paternos eram Raimundo Lopes e vovó Conceição, vô Raimundo era um homem negro baixinho e muito brabo e tinha o apelido de “pé de bola” devido uma deformidade em seu pé direito. Minha avó Conceição, da qual levo o nome também em minha assinatura, era mulher alta, branca, e dona de uma tranquilidade ímpar e que tinha sempre as palavras “por caridade” em suas falas. Vovó Conceição era chamada carinhosamente de Morena, eu não entendia muito o apelido, pois ela era muito branca. Meus avós maternos eram Pedro Bernardo e Alice Miranda; vovó Alice é quem era baixinha e braba, vovô Pedro era um homem alto e muito calmo e

tinha o ditado que sempre usava para os momentos mais difíceis; “vão-se os anéis e ficam os dedos” para amenizar as situações mais complicadas que pudessem surgir em sua vida. “Foi à história da minha alma que prometi contar, e para escrevê-la fielmente não tenho necessidade de outras memórias: basta-me, como fiz até aqui, voltar-me para dentro de mim” (ROUSSEAU, 1959, p. 278).

As visitas nas casas de meus avós eram divertidas, porém as visitas à casa de meus avós maternos foram mais marcantes, principalmente por causa de Vovó Alice que embora fosse muito braba, como citei antes, ao encontrar com os netos se derretia toda em abraços, ainda que nunca se esquecesse de citar as regras da casa.

Saíamos de barco de Santarém até a localidade de São Francisco, o interior onde moravam meus avós; eram viagens longas e emocionantes; as paragens que apreciávamos durante as viagens eram maravilhosas, uma verdadeira paleta das mais diversas cores de verdes que compunham as matas nas margens do rio ou plantas aquáticas, onde até as vitórias régias tinham variações de verdes; as nuvens e seus desenhos, os cheiros e sabores, toda a composição da natureza que encantava meu olhar de criança, encantamento que aumentava quando chegávamos à casa de vovó Alice e vovô Pedro, uma casa imponente, toda em madeira, de assoalho bem alto, com uma linda escada na entrada principal que dava acesso a casa, rodeada de varanda com parapeitos para apreciar a paisagem de todos os lados. Era um lugar maravilhoso que tinha cheiro de terra e de mato, cheiro de amor, afeto, liberdade e mistério.

Vovó Alice apesar de ter como brabeza a sua marca, com os netos se derretia em abraços que só os avós têm e que faziam desaparecer todo o cansaço da viagem, e abria o nosso paladar para as comidas preparadas com muito carinho, e na boca da noite o mais importante: a reunião com as crianças para as brincadeiras de roda no terreiro de areia branquinha sob o luar que iluminava a diversão junto com vovó que adorava brincar de roda conosco. Ela dizia que quando criança não pôde brincar, pois foi pra cidade grande morar com sua madrinha, servir de companhia e estudar.

Ao chegar à cidade, vovó Alice só trabalhava e era proibida de brincar. Ela contava que olhava escondida pelas frestas da casa, as outras crianças brincarem, dessa forma, memorizava as cantigas e os movimentos.

Acho que por isso para vovó Alice brincar era um momento muito importante;

ensinava-nos muitas cantigas e brincadeira de roda e nos divertíamos com ela.

Quando retornávamos para a cidade de Santarém no fim das férias, novamente de barco, era o maior sofrimento, ter que largar o paraíso e voltar à cidade, implicando com isso o retorno às aulas. Mas também tinha um lado bom, costumávamos nos reunir em frente de casa e chamávamos as outras crianças da vizinhança para contar as novidades e brincar. Sempre tínhamos uma cantiga nova de roda, uma brincadeira muito usada, em uma época em que ainda não tínhamos a tecnologia e que divertido mesmo, era brincar com outras crianças. Doces memórias!

Por muito tempo essa doce aventura fez parte frequente de nossas vidas, e aos poucos foram tornando-se espaçosas, pois em algumas férias, já não íamos para o interior. Eu sentia muita falta, pois as férias na cidade, não eram tão divertidas como as do interior, com meus avós, e meus avós também sentiam falta daquele bando de criança, correndo e brincando de um lado para o outro, alterando toda a rotina deles.

Depois de algum tempo, entendi: havíamos crescido, e era mais fácil viajar quando criança, pois criança não paga passagem...

Vovô Pedro e vovó Alice, então passaram a nos visitar em Santarém com mais frequência, para amenizar a saudade deles e as nossas. Já estavam bem velhinhos, vovô Pedro somando noventa anos, faleceu. Vovó Alice sofreu muito e passou a ficar mais tempo em Santarém, ora conosco, ora com meus outros tios, numa tentativa de que não se sentisse tão só, embora fosse clara a dor da perda de meu avô, tudo era feito para que ela não sofresse tanto.

Mas como o tempo, senhor do destino, nem sempre traz coisas que podemos compreender, vovó teve mais um grande abalo, um incêndio criminoso destruiu toda a casa em que vovó e vovô viveram anos de suas vidas, dentro da casa inclusive estavam as lápides para a sepultura de vovô. Tudo pesou de grande tristeza e como apagamento das memórias de minha vózinha.

A partir desses fatos, começou a ficar apática a todos os acontecimentos que a cercavam e também a ter lapsos de memória. Era muito triste vermos vovó Alice naquela situação!

Curiosamente, a única coisa que lhe dava certo ânimo, era quando entoávamos as cantigas de roda; ela se alegrava e começava a brincar conosco, parecendo nesses

momentos esquecer todas as dores, que pesavam sobre ela; cantava as músicas sem errar a letra e brincava de roda.

Por algum tempo usávamos esse recurso como uma espécie de terapia, para não vê-la sucumbir à tristeza. Até que chegou a hora de despedirmos de vovó, uma cantiga de roda que ela nos ensinava marcou este momento:

*“Menina quando tu fores,  
Escreves lá do caminho!  
Se não encontrar papel,  
Na asa de um passarinho.  
Do bico faz o tinteiro  
Da língua pena molhada  
Dos dentes letras miúda  
Dos olhos cartas fechadas.  
A pombinha voou sentou  
Bateu asa e me deixou”.*

Os anos se passaram... todos adultos seguiram seus caminhos, alguns nunca mais retornaram ao local onde fomos tão felizes. Eu casei e fui morar alguns anos em Rurópolis, Presidente Médici, depois retornei para Santarém, onde nasceram meus três filhos: Dyego, Allain e Bryan, nos registros abaixo as minhas três crianças.

**Figura 1 - Foto das Crianças. Fotógrafo: Autora, 1992.**



Da esquerda para direita: Allain está de pé ao lado do sofá, Dyego está sentado com Bryan no colo.

Depois fui morar em Manaus, voltando em seguida para Santarém, onde fiquei alguns anos. Vim para Belém acompanhando meu marido e depois para Barcarena, onde surgiu uma oportunidade de emprego, mas especificamente em Vila dos Cabanos, onde construí e fixei residência, juntamente com os meus filhos; “[...] mas como contar aquilo que não foi dito, nem feito, nem mesmo pensado, mas somente apreciado e sentido sem que eu possa exprimir outro objeto de minha felicidade senão a de ser experimentado” (BLANCHOT, 1971, p. 54).

Iniciando assim uma caminhada para cumprir o papel de mãe provedora do sustento de minhas três crianças, frutos de um casamento que teve fim, pois me sufocava com atitudes estúpidas e ciúmes; ciúmes esses, de querer me impedir de sair de casa, de querer me impedir do ato mais natural para uma mãe, amamentar seu próprio filho. Entre tantas atitudes insanas de meu ex-marido, prefiro não me ater a mais detalhes.

Desse modo, precisei arregaçar as mangas e iniciei várias atividades, por vezes, várias ao mesmo tempo, para suprir as necessidades comuns de uma família. Foram tempos em que a rotina de um intenso corre-corre era uma constante. Dia e noite, sem escolhas de horário, uma verdadeira corrida contra o tempo.

Era preciso ganhar a vida, para que pudesse garantir o sustento de meus filhos. Fiz todas essas atividades sempre ligadas à área comercial, vendas e revendas de produtos de beleza e confecções, e algumas adentrando num universo tradicionalmente masculino, como as atividades com oficina de marmorite<sup>1</sup>, ofício herdado de meu pai, ou quando resolvi abrir uma empresa de piso korodur<sup>2</sup>, um nicho da construção civil. Investi em equipamentos, material e mão de obra, me dedicando exclusivamente à confecção do piso korodur. Um investimento audacioso principalmente por se tratar de uma mulher, o dito sexo frágil, adentrando num universo tradicionalmente masculino.

Assim a Elo Marmorite, empresa que formalizei, tornou-se minha única fonte de renda, trazendo estabilidade financeira para minha família. Eu liderava uma equipe composta por mão de obra estritamente masculina, em um ambiente de trabalho totalmente masculino. Abaixo, registros de aplicações de piso Korodur, em área da ALBRÁS<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Marmorite: Material produzido em cimento, granitina e pigmentação usada em paredes e pavimentos.

<sup>2</sup> Korodur: Piso industrial de grande resistência mecânica, usado principalmente em pátios de carga e descarga de empresas.

<sup>3</sup> Albrás: Alumínio Brasileiro S.A. Produtora de alumínio.

**Foto 2 - Aplicação de piso Korodur. Fotógrafo Pina, 2004.**



Foto com parte da equipe em que estou de pé e três homens agachados fazendo a medição do piso, todos usando uniforme operacional azul, crachá de identificação preso à camisa, capacete e óculos de segurança.

“Como falar de si, como falar com verdade de si, como limitar-se ao imediato falando de si e fazer da literatura o lugar da experiência original” (BALANCHOT, 1971, p. 55). Financeiramente o retorno era excelente, supria todas as despesas financeiras. Com o passar do tempo, junto, às vantagens vieram, o desgaste físico e emocional, de certa forma previsível, num ambiente dominado por homens, onde atrevidamente me coloco de igual para igual, liderando uma equipe composta por homens, participando de licitações, colocando literalmente a mão na massa, causando muito incômodo aos que achavam que lugar de mulher era no fogão.

Ainda segui muitos anos com a empresa, enfrentando muitos desafios para me manter no mercado. Diante desse corre-corre de gente adulta, uma coisa se mantinha, ainda que com outra finalidade, mas que ao “frigir dos ovos” continuavam como

“travessias do amor”; as viagens de barco continuavam em minha vida, dessa vez pra adquirir materiais e mercadorias para desempenhar minhas atividades de mãe provedora.

Foram anos dedicados aos proventos de minha família, ocupada com o compromisso de ser mãe, que cheguei a esquecer de que as crianças cresceriam e cresceram: três homens que me dão muito orgulho! Dyego formado em Licenciatura Plena em Letras, especializado em Comércio Exterior Logística Internacional; Allain formou-se em Administração; Bryan o caçula, formado em *Marketing*, já fazia alguns trabalhos como modelo de passarela e fotografia, foi convidado a dar entrevista na revista Tropo o que resultou em contrato pela “Joy Model Management Milano” e foi para Milão. Tudo valeu a pena!

“Começaria tudo outra vez”, parafraseando Gonzaguinha<sup>4</sup>.

Missão cumprida, agora não tinha mais crianças que dependessem de mim. Mas e agora? A quem vou me dedicar? O que fazer da mulher/mãe que ficou?

Um esvaziamento tomava conta de mim; entendi que se tratava da bendita Síndrome do Ninho Vazio<sup>5</sup>. Percebi que precisava reagir, reinventar minha rotina, pois a mãe existirá sempre e com ela uma mulher que traz consigo uma gama de conhecimentos, memórias, saudades e vivências adquiridas em seu trajeto de vida, que fez de suas vitórias e perdas a base para seu fortalecimento como ser humano, e que estava sempre disposta a aprender, ensinar, compartilhar.

## 2.2 O Teatro e a Licenciatura

“A palavra autêntica se liberta de toda e qualquer confinamento ao custo de manter-se num movimento incessante, pois que ela não reproduz uma realidade preexistente, ela, mas só pode existir na condição de produzir a sua verdadeira verdade” (STAROBINSKI, 1991, p. 187).

O meu encontro com o teatro acontece movido pelo acaso, no momento que decidi voltar a estudar; a princípio pensei em tentar logo uma graduação, porém pensei

---

<sup>4</sup> Cantor e compositor brasileiro, autor de grandes sucessos entre eles a música “*começaria tudo outra vez*” (1976)

<sup>5</sup> Sensação psicológica de pesar e solidão que os pais sentem quando os filhos saem de casa pela primeira vez, seja para morar sozinho ou ir para a faculdade.

nos longos anos sem estudar, e resolvi que seria melhor recomeçar fazendo um curso técnico.

Inscribi-me no ENEM<sup>6</sup> para o Curso Técnico subsequente em comércio. Tive um excelente desempenho e aprovação, ajudada pela prática adquirida através das minhas atividades comerciais. Decidi então que iria fazer o curso de *Marketing* e depois a especialização em Empreendedorismo, fechando assim um ciclo dentro de toda a minha extensa experiência em vendas. Novamente fiz o processo do ENEM desta vez para cursar *Marketing*, conforme meus planos. Fui aprovada novamente e então fui efetivar minha matrícula na instituição, a Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará “Professor Anísio Teixeira” – EEETEPa - a mesma onde cursei o técnico em comércio.

Eis que para minha surpresa eu estava aprovada, mas para o Curso de Arte Dramática. Como assim Arte Dramática? Relutei. Nunca nem havia cogitado fazer outro curso fora da sequência de meus planos.

Procurei a direção da EEETEPa, na tentativa de trocar de curso, ao que me explicaram que a turma estava com o número de alunos completa que só poderiam me aceitar se alguém desistisse para que eu fosse pra a turma de *Marketing*, e para o meu desalento foi o único ano que ninguém desistiu.

Conversando com alguns professores falei da minha insatisfação em ter que atravessar rios e mares no trajeto Vila dos Cabanos/Belém/Vila dos Cabanos, todos os dias às 16h00 e retornar às 23h00, último horário do barco para chegar em casa, por volta de 1h00 da manhã, para fazer algo que não havia escolhido. Resolvi e comuniquei que seria minha última noite naquela turma, mas que ficaria até o final das aulas daquela noite, até porque, não tinha transporte de volta pra minha cidade, antes das 23h00. Retornei para a sala de aula e nesse momento entra o professor de História da Arte, direcionando-se a mim, com umas folhas de papel na mão pedindo que eu lesse os textos para a turma. O texto tratava de “O mito da Caverna”, de Platão; foi como uma bofetada, indaguei internamente: estaria eu me acorrentando na minha caverna? Por que não me permitir? Coincidência ou providência de Dionísio, decidi dar uma chance ao acaso, sair dos meus planos tão rígidos, olhar para dentro mim e pensar na minha trajetória de vida, ver o que tinha “fora da caverna”.

---

<sup>6</sup> Exame Nacional do Ensino Médio.

Continuei no curso de Arte Dramática, foram dois anos de travessias de barco ou balsa de Vila dos Cabanos /Belém/Vila dos Cabanos. Uma amiga de curso, Glauce Rejane, dizia para mim que a arte havia me escolhido e compôs uma música, um resumo da minha história inicial no teatro, usando a melodia de Garota de Ipanema<sup>7</sup> e me deu de presente:

*Olha que coisa engraçada e eu estou aqui  
 É curso de artes eu nunca previ  
 Mas é uma boa pra me libertar  
 Já me formei em comércio, queria o marketing.  
 Um engano bobo acabei em arte...  
 Mas sou uma guerreira e vou me formar  
 Ah! esse engano eu não  
 quis Ah! como estou tão  
 feliz  
 Vou virar uma atriz e cantora  
 Isso será uma boa  
 Ah quero me formar nesse curso de arte  
 Um dia viajo, lá para os States  
 E em Hollywood, posso atuar, posso atuar.*

O curso finalizou com o espetáculo “O Mistério de Argan”, uma releitura do “Doente imaginário” de Molière e eu protagonizei a personagem “Belinha”. Durante o curso de artes dramáticas, fiz estágio na Escola Waldemar Ribeiro, e na EMBRAPA-Pará<sup>8</sup>.

Foram essas vivências no estágio do curso técnico em arte dramática que me fizeram entender a essência e o potencial transformador do teatro, confirmando em minha vivência que o ato de transformar provoca transformação e é transformador (BOAL, 2009).

Formei-me em Técnica em Artes Dramática e fiquei meio que a deriva, pois em

---

<sup>7</sup> Garota de Ipanema: Canção brasileira da bossa nova, lançada em 1964.

<sup>8</sup> Embrapa: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Vila dos Cabanos era difícil atividades teatrais. Quando parecia sucumbir à dor do vazio novamente, a diretora da Escola Waldemar me chamou para desenvolver projetos na escola e o meu supervisor de estágio da Embrapa, para desenvolver atividades com crianças, filhos da comunidade atendida pela empresa.

Seguindo assim minhas travessias, passei a fazer muitas oficinas, *workshops* e tudo relacionado ao teatro em Belém. E foi a partir dessas vivências que o meu interesse pelo teatro aumentou; não se tratava apenas de enfrentar um desafio do destino, do acaso, ou simples encantamento pelo palco e sim o que ele proporcionava às pessoas: a importância do teatro como potencializador de descobertas, de possibilidades para a sociedade, e principalmente para mim.

Devido às minhas várias práticas em sala de aula, era comum ser chamada de professora, porém não me sentia contemplada com esse título. A partir dessas práticas senti a necessidade de me fortalecer, ter fundamentos teóricos e me aprofundar e conhecer sobre teatro. Decidi então, fazer Licenciatura em Teatro, pois sentia a necessidade de um conhecimento mais profundo, mais especializado, para o exercício de professora.

No ano de 2016, fiz o ENEM e a prova de habilidades, que me garantiram a aprovação na Universidade Federal do Pará, no curso de Licenciatura em Teatro, que tem quatro anos de duração, garantindo assim, mais quatro anos de travessias.

O monólogo que apresentei, falava a um grupo de jovens que “Não existem mulheres santas ou putas, o que existem são Mulheres! e finalizava despetalando um buquê de ixora cantando música “O Lado Quente do Ser” de *Maria Bethânia*<sup>9</sup>.

### **Figura 3 - Comemoração da aprovação na UFPA.**

---

<sup>9</sup> Maria Bethânia: Cantora e compositora Brasileira.

Fotógrafo Allain Marczewski, 2016.



Na foto acima estou agachada, uma placa de papelão presa ao meu pescoço escrito “*Neire burra caloura UFPA*”, ao meu lado direito meu cachorro *rottweiler* Titã é abraçado por mim. Olhando para câmara e sorrindo, estamos os dois com as faces cobertas por pó branco.

Assim entrei pra Universidade Federal do Pará no curso de Licenciatura em Teatro, que funciona na Escola de Teatro e Dança da UFPA; senti-me como ainda me sinto, feliz por estar nessa instituição, principalmente por ser uma mulher, com meio século de existência, realizando seus planos e por achar que estava em lugar onde as pessoas não ligariam para o fator idade. Mas logo pude perceber que como em todo lugar, certos discursos são meramente palavras ditas, pois as ações nada têm a ver com os mesmos.

A idade maior incomoda e por não se acomodar, torna-se incômoda. Comecei

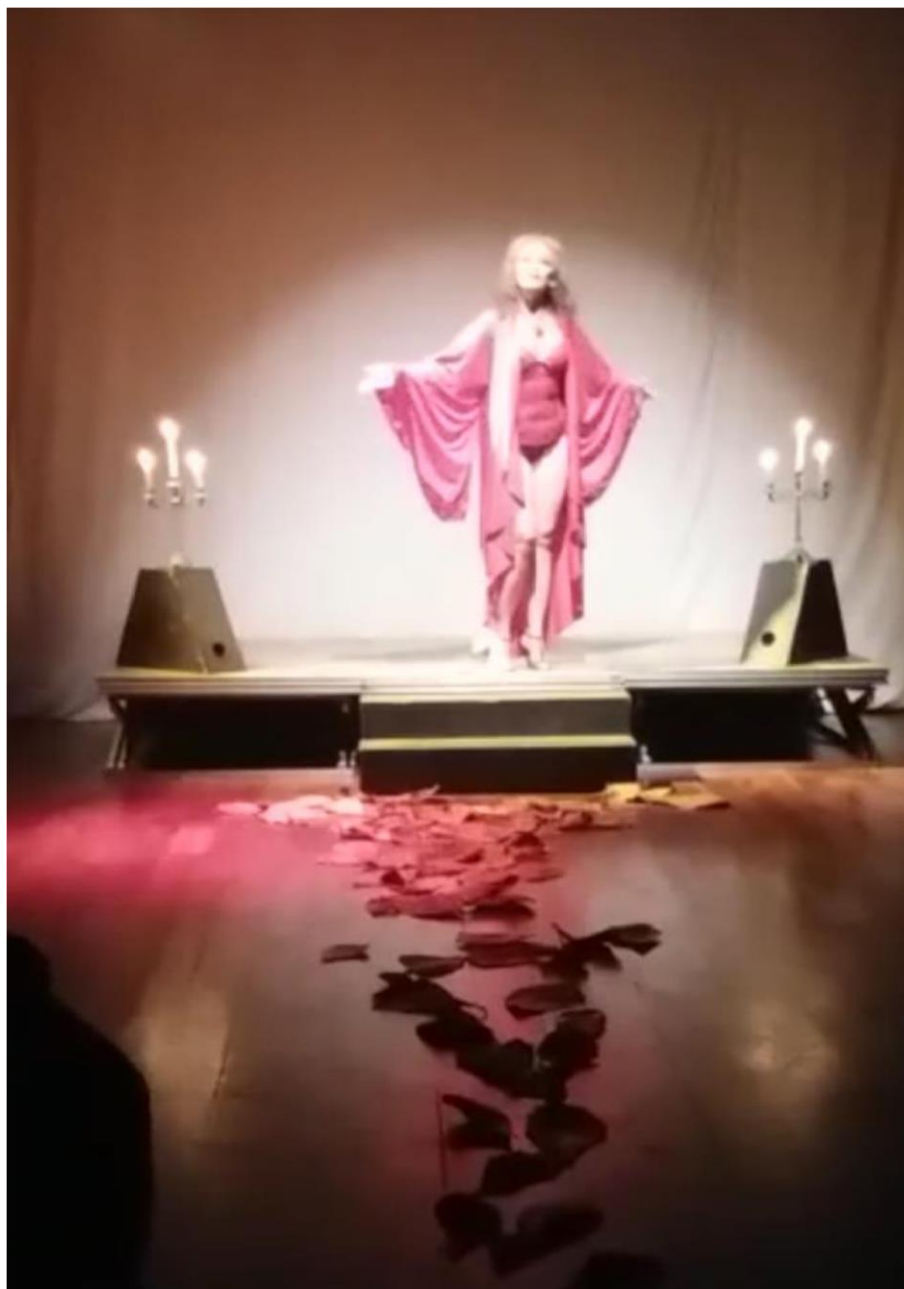
a ouvir sutis brincadeiras relacionadas à minha idade, como por exemplo: quando algum material exposto na sala pelo professor tinha uma data do ano de 1890, ouvi alguém muito que graciosamente dizer: olha ai Neire, essa é do teu tempo, ou essa a Neire conhece e assim outras brincadeiras, que claramente, mostravam o incômodo que uma velha causava com sua presença ao conseguir acompanhar os exercícios físicos, que a jovem incomodada não conseguia fazê-lo. Uma jovem que dizia se sentir oprimida por ser gorda, mas na primeira oportunidade que tem se torna opressora tornando-se uma cúmplice da opressão mesmo se sentindo oprimida (BEAUVOIR, 1967). Nunca deixei que tais gracinhas me fizessem sair do foco, que era fazer o meu curso de Licenciatura. Então decidi dar a resposta a essa pessoa e a todos que acham que, para estar na universidade ou para realizar seus planos, tem limite de idade.

Foi então que na disciplina *performance*, ministrada pela professora Karine Janssen, apresentei “senhora do tempo”, uma *performance* que trazia a fala e muitas mulheres que por medo de serem vistas como “a velha” deixam de realizar seus desejos, suas vontades, ainda que tenham motivos fortíssimos para só agora como velhas, correrem atrás de seus sonhos. Vale citar que fui convidada a apresentar essa *performance* no Instituto de Ciências Jurídica da UFPA, no Fórum de Graduação em agosto de 2017, curiosamente nos sessenta anos da Universidade e no CONDETUF<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> CONDETUF: Conselho Nacional de Diretores das Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais.

Figura 4 - “Senhora do Tempo”. Fotógrafo Taly Lopes, 2018.



O registro acima da *performance* “senhora do tempo” foi feito sob um foco de luz em forma de arco. Estou em pé entre dois castiçais cada qual com três velas acesas, braços abertos na lateral do corpo e mãos espalmadas, vestindo um roupão vermelho com caimentos que se sobrepõem tecido sobre tecido, mangas largas e abertura central que deixa à mostra um espartilho vermelho que realça a pele branca, nos pés uma sandália vermelha de salto alto e fino atracado ao tornozelo e à frente um caminho de folhas secas.

Há alguma coisa a ser dita que não se pode dizer: não é necessariamente um escândalo, por ser algo bastante banal – uma lacuna, um vazio, uma área que se esquia da luz porque a sua natureza é a impossibilidade de ser trazida à luz, um segredo sem segredamento cujo selo quebrado é a própria nudez (BLANCHOT, 1971, p. 152).

Esse trabalho teve uma grande repercussão no meio acadêmico da escola de teatro e dança e me fortaleceu enquanto mulher, pois as pessoas chegavam e me falavam o quanto foi representativa a minha *performance*. Verdadeiramente o teatro sensibilizando e dando voz aos que se sentiam oprimidos por tal pré-conceito. Esse momento também já estava como bolsista no projeto de extensão Teatro Memória Música e Poesia na Melhor Idade. Esta *performance* ficou também como fala das senhoras participantes do projeto.

### 3 O PROJETO DE EXTENSÃO TEATRO MEMÓRIA E MÚSICA NA MELHOR IDADE E AS VIVÊNCIAS E PRAXIS NA DOCÊNCIA

#### 3.1 Resumo do Projeto de Extensão

Algumas pessoas, à medida que o tempo passa, abrem mão de suas vontades e de seus sonhos, como o rei de um conto de Marina Colasanti (2003), que teve um dia uma ideia linda, “toda Azul”; o que fazer com a ideia? Decidiu guardá-la, trancá-la, até saber o que fazer com ela. Mas a guardou por tantos anos que, quando foi buscá-la, já não sentia prazer ou alegria nela. Outras, no entanto, acalantam vivos dentro de si muitos sonhos e, mesmo que pareça que não há mais tempo para a realização deles, esperançosa e alegremente, se põem na busca da concretização dos mesmos.

Fazer teatro é um sonho sonhado por muitas pessoas, participantes do *Projeto de Extensão: Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade*, idealizado pelo professor Mestre Paulo Roberto Santana Furtado, da Escola de Teatro e Dança da UFPA. O projeto tem o objetivo de estimular e desenvolver habilidades físicas e mentais das pessoas da melhor idade através da arte da interpretação, sem a pretensão de formar atores, mas de promover ações e reflexões acerca das relações entre idosos e jovens, e a presença do idoso, como cidadão atuante na sociedade. Por meio de oficinas de jogos teatrais e do diálogo democrático, a pessoa idosa é capaz de criar peças teatrais coletivas, tendo como mote suas memórias e histórias de vida, além de experimentarem todo o processo de criação teatral no qual os participantes do projeto tem o convívio no ambiente universitário, onde aprendem a socializar-se, conhecer novas pessoas e tornarem-se agentes pessoais da cultura, à medida que divulgam obras teatrais para os familiares e a comunidade da qual fazem parte.

O projeto surge em 2016 e já está em atividade há quatro anos. Iniciou com muita dificuldade em relação aos participantes; a escola não dava acesso para a terceira idade em suas dependências e se iniciou, fazendo uma enorme propaganda e juntando-se em parceria com o Centro da Terceira idade Palácio Bolonha, almejando trabalhar com vinte pessoas. Iniciamos o processo de oficinas na dependência de um casarão antigo da vila Bolonha; nesse primeiro ano realizamos o Trabalho Colcha de Retalhos e nos apresentamos no teatro Universitário Cláudio Barradas.

No ano seguinte a pedido dos participantes, agora designadas agentes multiplicadoras do fazer teatral, renovaram o projeto e retornamos para as dependências da Escola de Teatro e Dança com o apoio da direção da escola.

Em 2017, mantivemos o projeto com os mesmos objetivos e ampliamos as inscrições: uma no primeiro semestre e outra no início do segundo e incluímos duas realizações de resultados por ano. Fomos convidados a participar da III Mostra de Teatro Amador do Teatro universitário Claudio Barradas, fazendo a abertura com o espetáculo *“Há Lembranças em Brincadeiras de Crianças”*. O projeto em sua realização torna-se referência de experimentações para os alunos das licenciaturas, inclusive tornando-se objeto de pesquisa para a realização de TCCs.

A partir de 2018 e 2019, já em completa harmonia com o ambiente universitário, o projeto participa da mostra teatro anual de resultados da escola, e também se torna referência para a realização dos estágios dos alunos do curso de Licenciatura em Teatro e Dança. Participa dos encontros de extensão realizado pela Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, recebe muitos estagiários e três bolsistas para desenvolverem as atividades proposto pelo projeto.

O projeto propõe aos participantes de se despiram aos poucos da timidez, e juntos acreditarem em si mesmos, colocando de lado o preconceito. Também não se importaram com o preconceito alheio e resolveram realizar o sonho acalentado.

O teatro sempre chamou a atenção, e foi e será importante na vida dos participantes do projeto, das oficinas teatrais, e este poderia fazer parte de algo maior: um “PROGRAMA”.

O Projeto é uma inquietação a nível universitário, voltado para os processos de envelhecimento humano, e para os possíveis benefícios que o teatro poderia trazer para a vida da pessoa idosa; um novo campo do saber, que a universidade terá que agregar e apresentar para seus educandos.

### **3.2 As Vivências no Projeto de Extensão**

No final do ano de 2016, já estando aluna do curso de Licenciatura em Teatro,

soube do projeto de Extensão Teatro Memória Música e Poesia na Melhor Idade, direcionado como o próprio título diz, para a melhor idade. Chamou-me atenção, pois havia iniciado a escrita de um projeto, em que pretendia trabalhar em Vila dos Cabanos com idosos e crianças, intitulado de: “*Alegria agora e amanhã*”, adiado pela aprovação no curso, que me deixaria sem tempo para realizá-lo. Foi então que dei entrada ao processo necessário e entrei como bolsista no projeto.

Nosso objetivo é levar o participante a conhecer mais sobre o teatro por meio dos jogos teatrais, a fim de criarem seus próprios textos e peças coletivas, auxiliar por meio do teatro, no processo de inserção da pessoa idosa no ambiente universitário, levar os participantes a falarem de si, do seu mundo e de suas histórias de vida. Cotidianamente por meio das oficinas de teatro, os participantes passaram a criar textos, improvisar, montar e encenar as peças e espetáculos.

Estando no projeto de extensão desde o ano de 2017, portanto três anos de vivências nesse espaço, atendemos idosos com idade que variam entre 55 e 90 anos, onde os alunos mais velhos estão sempre prontos para a criação dos textos, e observamos também, a questão de gênero, onde as mulheres são as maiores apreciadoras das oficinas. Entre os homens há uma maior inibição em relação à exposição exigida pelo teatro. Ao todo nesses três anos de atividades percebemos que aproximadamente passaram mais de oitenta pessoas no mesmo.

Pela proposta, nós não trabalhamos com o teatro de uma forma cristalizada, com peças prontas para ser estudada, montada e encenada. O mote do trabalho é o jogo teatral, essa coisa viva e mutante, que aguça a inteligência e a imaginação do jogador.

As peças criadas surgiram e surgem do processo de jogar, de improvisar, de recordar e de dialogar. Também visou desconstruir com a turma a ideia de que apenas alguns são eleitos e são capazes de produzir obras de arte.

Desde que entrei na Universidade e tomei contato com a obra de Augusto Boal, constatei que todos são capazes de criar, de atuar num palco e de fomentar a arte, como agentes pessoais de cultura.

Na obra de Boal (1991), “Teatro do Oprimido”, ele afirma que no princípio era carnaval, a festa, o povo reunindo nas ruas, em suas manifestações espontâneas. Depois, as classes dominantes se apropriaram do teatro e construíram muros

divisórios. Primeiro, dividiram o povo, separando atores de espectadores: gente que faz e gente que observa. Terminou-se a festa! Segundo, entre atores, separou os protagonistas das massas: dando início ao doutrinamento coercitivo!

“O povo oprimido se liberta e outra vez conquista o teatro. É preciso derrubar muros!” (BOAL, 1991, p. 135). Derrubar os muros dos próprios preconceitos e crenças que limitam a vida e impedem as pessoas de atuar: eis o desafio e a meta a ser alcançada. Desde o início, por meio do jogo teatral e da convivência grupal, foi possível construir, com os participantes, novas concepções a respeito da arte teatral.

Lembro-me do meu primeiro encontro com o projeto de extensão Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade numa pequena sala do Centro da Terceira Idade Palácio Bolonha, ou melhor, dizendo com os participantes do projeto. Não imaginava que teriam tantas pessoas, quase cinquenta entre senhoras, senhores e jovens. Ao deparar-me com as pessoas participantes do projeto, fui tomada por uma avalanche de memórias e lembranças afetivas que me remeteram à minha infância, aos abraços calorosos de meus avós que se misturaram com medo e insegurança de pela primeira vez estar com alunos daquela idade.

Pensei como poderia eu ensinar alguma coisa àquelas pessoas que por certo os anos vividos, tinham lhes dado tantas experiências e vivências difíceis de mensurar? Senti os olhares curiosos na minha direção, como quem espera algo. Alguns bem agitados, uns falantes, outros tímidos; por uns segundos, temi não ter o que ofertar, mas percebi também a enorme empolgação e disposição delas em participar, embora muitas não tivessem muita clareza do que seria o projeto, algumas atentando apenas por alguma palavra do título, achavam que era um curso de memorização, outro curso de dança e outras que trataria poesia.

Tal disposição me fez acreditar que poderia sim.

Respirei e me coloquei no meu lugar de professora de teatro, iniciei o exercício da fala e da escuta, uma roda de conversa e apresentação, apresentando o projeto e para assim conhecer um pouco de cada um e me fazer conhecida; o início necessário, para entender o que as levou ao projeto, de onde vieram, seus nomes suas preferências, seus anseios, desejos, suas limitações físicas e o que mais achassem necessário colocar.

Muitas se sentiram à vontade e foram além das apresentações formais. Com o

desenvolver das atividades é possível perceber a imensa necessidade que os participantes têm em serem ouvidos, com suas histórias tão parecidas umas com as outras, e que se não estivessem presentes para contar, poderia facilmente se confundir.

O exercício da escuta no projeto é de extrema importância, principalmente pela proposta do mesmo, que é trabalhar o improviso nas construções cênicas, a partir das inquietações, das dores, da falta de respeito sofrida, anulações, imposições e situações em que se sentiram oprimidas e que tiveram suas falas sufocadas.

Desta forma a memória é a principal fonte, o acervo que podemos explorar com propriedade para as dramaturgias. Atravessada por todos esses sentimentos era preciso seguir para a prática. Iniciamos com o processo normal de práticas teatrais de preparação, relaxamento, aquecimento, alongamento, aquecimento vocal e etc. para darmos início aos jogos de cenas. A primeira dinâmica que usei com o grupo, foi com o uso de três balões que eram lançados ao ar e que não poderiam deixar cair, pois os balões eram os sonhos de cada um. Foi um momento lindo de interação, em que os “sonhos” em nenhum momento caíram, reforçando claramente a disposição de cada um em participar e a espontaneidade para jogar, que já fora antes observado por mim. “É comum observarmos que entre as crianças e os idosos a disponibilidade para brincar é muito maior” (YOZO, 1995, p. 13).

Assim muitos jogos e dinâmicas foram colocados e a participação efetiva de todos era percebida. Após muitos diálogos e dinâmicas, passei a utilizar com frequência as brincadeiras de roda, acompanhada de variações, dada a familiaridade demonstrada com a mesma, como parte da infância se não de todos, mas pelo menos da maioria do grupo. Percebi o melhor desenvolvimento de noção de espaço, leveza, interação com o grupo e outras habilidades nos jogos teatrais.

Em 2017, a construção do espetáculo/resultado no primeiro semestre de 2017, foi uma construção que tinha como indutor, escritas de cartas para pessoas que elas escolhessem. A partir dos conteúdos expostos construiríamos a nossa dramaturgia; paralela às cartas iniciamos um diálogo sobre o que as incomodava no dia a dia, e pensamos como trariam para cenas essas situações, então foi criada uma dramaturgia que mostrava tais inquietações e o tema mais abordado nas cartas, foi saudade.

A dramaturgia ficou composta por cenas que mostram, por exemplo, a falta de

sensibilidade de uma filha que simplesmente chega à casa da mãe e entra muito apressadamente, dizendo que já deixou os filhos porque precisa ir resolver umas coisas, sem sequer perceber que sua mãe está toda produzida para um baile para o qual se programou o ano todo, ou das situações em que o esquecimento de uma senhora é tido como demência, ou então a idosa que é explorada financeiramente pela família. Neste momento de discussão de fazer e a saudade abordada nas cartas, eram trazidas nas músicas de seu tempo que retratavam o saudosismo. Assim criou-se o espetáculo que teve o título de “Há Lembranças em Brincadeiras de Crianças”, onde trazia cenas em que entoavam cantigas de roda, cenas que revelavam a inquietação e dores do idoso, poesias costuradas por músicas que marcavam sua juventude. “Há Lembranças em Brincadeiras de Crianças” foi uma construção de tema mais livre, o desempenho foi muito bom, se sentiram realizadas, algumas experimentando pela primeira vez o palco. Eu pude sentir o potencial daquelas pessoas e o quanto podia ser explorado.

**Figura 5 - Cartaz de divulgação. Designer Raphael Andrade, 2017.**



No segundo semestre de 2017, com o tempo atropelado por greves, paralisações e outros atropelos que fizeram com que dispuséssemos de pouco tempo para ensaios, mas sem perder o tempo que restava, iniciamos a construção de “Tão

bom que é o Natal” partindo da pergunta - Qual o significado do natal para você? Com base nas respostas, iniciamos as construções das cenas aguçando o senso crítico e com a intenção de provocar a plateia a pensar sobre a solidão sofrida pela maioria dos idosos. A cena inicia com uma senhora sentada em uma cadeira de balanço, ao lado de uma mesa decorada com enfeites de natal e ao fundo uma enorme árvore de natal cheia de presentes na base. A idosa está só, mas fala como se tivesse determinando a empregados seus afazeres e o que teriam que comprar para a ceia.

Uma história comum de solidão no natal para muitos idosos, e a lembrança de um tempo em que tinham a casa cheia de crianças e amigos correndo pela mesma; a correria da preparação da ceia, a decoração da casa, as lembranças de um tempo em que tinham o poder de decisão. No espetáculo o final é resolvido, quando familiares chegam surpreendendo a idosa com uma bela festa. E todos dançam um *funk* natalino. Na realidade eles têm consciência de que nem sempre isso acontece e que o idoso é de fato esquecido.

**Foto 6 - Cartaz de divulgação. Designer Marta Teixeira, 2017.**



No ano de 2018 houve um número grande de participantes iniciando, sessenta no total, entre eles uma pessoa com *deficiência auditiva*<sup>11</sup> e uma pessoa com

<sup>11</sup> Pessoas com perda total ou parcial da audição.

*deficiência visual*<sup>12</sup>, este último, um jovem que soube do meu trabalho de teatro com pessoas com deficiência, experiência anterior ao projeto de extensão e que há pouco tempo perdera a visão. A minha experiência me ajudou a trabalhar a inclusão com mais este participante.

Não havíamos escolhido o tema para a dramaturgia a ser apresentada. O grupo queria algo que remetesse à quadra junina, visto que a apresentação seria em junho.

"Caso você se case" trouxe em sua trama uma grande confusão e personagens típicos dos casamentos da roça, como delegado, as fofoqueiras, padre e coroinha cachaceiros, a noiva que perdeu a honra e o noivo entre outros personagens. O protagonista o noivo Badico, era interpretado pelo jovem com deficiência visual. O delegado acusava Badico de ter tirado a virgindade de uma donzela que por sinal estava já "embuchada" e usava de sua autoridade para convencer a família do noivo a casar com moça. Tudo pronto para cerimônia, e o noivo mesmo a contra-gosto sendo levado para o casamento pelos pais, nesse momento surgem outras donzelas reclamando a paternidade e o irmão mais novo de Badico então faz uma revelação: o verdadeiro pivô da história é o delegado e que as outras donzelas eram apaixonadas por Badico, e o enganavam se aproveitando da cegueira do rapaz, se passando pela sua amada Pureza. Esse espetáculo causou um certo... rubor na plateia, quase em sua maioria familiares do elenco, pelas cenas picantes que protagonizaram.

Posso dizer que dentro do processo ensino/aprendizagem, vivido no projeto de extensão Teatro Memória, música e poesia na melhor Idade foi muito enriquecedor. Conseguir trabalhar a inclusão, na práxis da docência, pois de fato tanto o jovem com deficiência visual, quanto à pessoa com deficiência auditiva tinham autonomia em cena, não sendo apenas um número a mais no elenco.

**Foto 7 - Cartaz de divulgação. Designer Victor Menezes, 2018.**

---

<sup>12</sup> Caracteriza-se pela perda parcial ou total das funções básicas do olho e do sistema visual.



Foto 8 - Cena do noivo fujão. Fotógrafa Daniele Cascaes, 2018.



Figura 9 - Cena da revelação. Fotógrafa Daniele Cascaes, 2018.



Foto 10 - Cena "a donzela e o delegado". Fotógrafa Daniele Cascaes, 2018.



Foto 11- Elenco. Fotógrafa Daniele Cascaes, 2018.



No segundo semestre de 2018, novamente cresce o número de participantes; dessa vez mais um participante com deficiência visual vem para o projeto. Somando em dois os participantes com deficiência visual, foi o semestre mais desafiador. Com relação aos dois primeiros espetáculos que embora já estivesse despertando o senso crítico no grupo quanto ao comportamento da sociedade para com o idoso, mas ainda assim, eu percebia certo medo de se exporem, por isso sempre queriam uma pitada de humor e uma resolução feliz ao final das apresentações.

Era preciso trazer algo com mais abrangência, embora não estivéssemos entre atores, já conseguiam entender a essência do teatro, o cunho inclusivo do projeto e a representatividade que esses participantes têm perante a sociedade. Como citado por Boal (2009, *on line*), ao encerrar seu discurso na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em 25 de março de 2009, ironicamente dois meses antes de seu falecimento: “Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma<sup>13</sup>”.

Fazia-se necessário um trabalho, que explorasse o potencial crítico e que trouxesse a fala de iguais que não estão no projeto. Eu trouxe para sala, um vídeo documentário em que o tema abordado era o asilo. Todos ficaram muito comovidos, mas ao ouvir a minha proposta sobre apresentar um espetáculo com esse tema, a

---

<sup>13</sup> Fonte: [belafrese.blogpost.com/2009/05/atores-somos-todos-nos-e-cidadao-nao-e.html?m=1](http://belafrese.blogpost.com/2009/05/atores-somos-todos-nos-e-cidadao-nao-e.html?m=1)

recusa foi quase total. Algumas falas justificando o não; diziam que já lhes bastava a dura realidade do idoso e que não havia necessidade de trazer para o palco esse tema, embora não fosse a realidade deles.

Sentindo a resistência, propus uma roda de conversa, buscando um *feedback*, sobre as atividades do projeto. Fiz alguns questionamentos sobre se haviam sentido alguma diferença, algum resultado comportamental dentro de seus meios de vivências, após as suas atividades no teatro. A resposta foi positiva; então argumentei sobre dar a voz a quem ali não estava e que as superações poderiam ser compartilhadas e servirem como estímulo para iniciativas de mudanças de outros. Ainda instigando perguntou-se ao grupo, quem entre os que estavam ali não conheciam nenhuma história de amigos ou conhecidos que passaram por situação de asilo? E a maioria confirmou ter presenciado ou ouviu relatos de tal situação e entenderam a necessidade de se colocar no lugar do outro.

A partir dessa conversa, começamos a trabalhar “O Abandono que Mata e Ressuscita”; um espetáculo que traz questionamentos acerca do envelhecimento, da forma como é encarado pela sociedade e denuncia as diversas formas de asilos. Um roteiro que retratava cenas realistas e dolorosas de idosos em asilos, inclusive em determinada cena, onde uma enfermeira passava empurrando uma maca com um corpo coberto por um tecido branco entre os internos.

Tudo caminhava bem, quando fomos surpreendidos pelo falecimento de uma das participantes mais ativas do grupo, Dona Joana com 86 anos e de um vigor invejável. Tal fato trouxe grande esmorecimento para o grupo, fazendo com que houvesse certo esvaziamento nos encontros.

Confesso que, em todos esses anos trabalhando no projeto com um público, que cronologicamente falando, esteja mais próximo do final da caminhada humana, nunca parei para pensar sobre a possibilidade da morte de nenhum participante, talvez por estar envolvida na energia emanada dessas pessoas, pessoas que estão pontualmente nos encontros com uma vivacidade brilhante.

Joana despediu-se de mim do jeito dela e eu não percebi que se tratava de uma despedida. Dias antes de seu falecimento, chegou em forma de segredo comigo em meio ao ensaio e me entregou um objeto apertando minhas mãos entre as dela e disse: guarde com carinho! No momento não pude olhar, guardei na bolsa e depois

pude ver que se tratava de um cristal citrino drusa<sup>14</sup>.

**Foto 12 - Cristal Citrino Drusa. Fotógrafa: Autora, 2019.**



Este foi um momento bem difícil, pois embora saibamos que a morte é um processo inevitável, que só é lembrada quando temos que enfrentá-la, com partida de um amigo, um parente, embora faça parte do percurso natural de todo ser. Dessa forma, comunicando ao coordenador do projeto o professor Paulo Santana, juntamente com a outra bolsista, em respeito ao sentimento de todos, decidiu-se que deixaríamos a livre escolha do grupo a finalização desse semestre, porém sugerimos que fizessem apenas uma confraternização.

Para nossa surpresa o grupo se recusou a cancelar a apresentação de “O abandono que Mata e Ressuscita”, com o argumento de homenagear a amiga do grupo, Joana, porém com uma única exigência, que a cena da maca fosse retirada. Exigência aceita, retomamos os ensaios.

---

<sup>14</sup> O citrino por suas energias especiais e beleza, é um cristal usado por Reis e Rainhas de todo o mundo. É considerado pelos especialistas, como um dos cristais mais poderosos para atrair a prosperidade, abrir os caminhos e também para aumentar nossa energia e vitalidade.

Mas como o tempo senhor, é o senhor da razão, novamente mais uma perda foi anunciada, não era nenhum participante do grupo, era o irmão de Telma, a senhora que faria um solo dançando tango para a abertura do espetáculo. Foi um balde de água fria sob todos. Novamente entramos em conversa sob o que decidir; a senhora ficou alguns dias sem ir aos encontros e a deixamos livre para não se apresentar. Quando começamos a pensar em outras possibilidades para fazer a abertura, Telma voltou disposta a fazer a cena.

Seguiram-se os ensaios e finalmente o dia da apresentação foi seguido de pensamentos positivos para que mais nada nos surpreendesse.

Foi uma apresentação magnífica!

O Teatro Universitário Cláudio Barradas, excedeu sua capacidade de lotação, porém as pessoas não aceitavam a justificativa de lotação completa, então a equipe que auxiliava o projeto, entre eles alunos de Licenciatura e Técnico nos ajudaram a organizar mais cadeiras para que o maior número de pessoas se acomodasse para assistir, e quem não conseguiu cadeira, se acomodou pelo chão. O espetáculo causou grande comoção à plateia, composta por um público de todas as idades. As cenas críticas e questionamento são lançados diretamente à mesma, sobre as mais diversas formas de asilo as quais os idosos são expostos, causou choros incontidos, talvez por tocar em possíveis feridas, intenções de muitos familiares que ali estavam. Abaixo alguns registros de cenas do espetáculo.

Foto 13 - Cartaz de divulgação. Fotógrafa/Designer Marta Teixeira, 2018.



Figura 14 – Asilo. Fotógrafa Xandra Tavares, 2018.



**Figura 15 - Cena "Delírio Materno". Fotografia Xandra Tavares, 2018.**



**Figura 16 - Cena "Mercenária". Fotografia Xandra Tavares, 2018.**



**Figura 17 - Cena "A Bailarina".** Fotografia Xandra Tavares, 2018.



**Figura 18 - Cena "Esquecidos".** Fotografia Xandra Tavares, 2018.



**Figura 19 - Panorâmica Elenco/Plateia. Fotografia Xandra Tavares, 2018.**



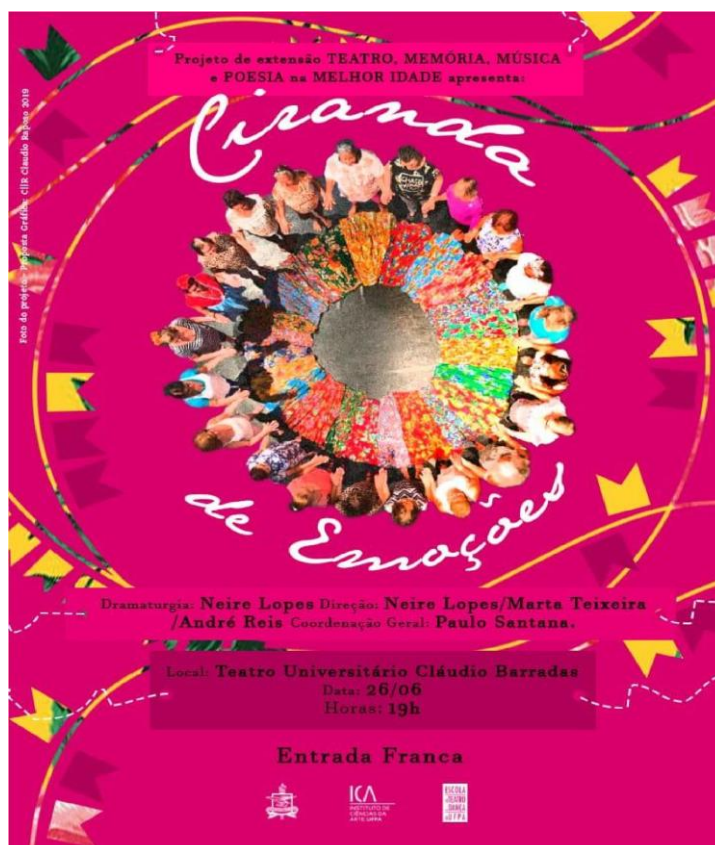
Em 2019 no primeiro semestre, não diferente dos outros semestres recebemos novos participantes, iniciando as atividades com apresentação do projeto, apresentação entre participantes, bolsistas e estagiários e deixando livre pra quem quisesse dizer algo a mais. Como de praxe dando início aos alongamentos, aquecimentos e todas as práticas necessárias às atividades e conversando sobre o trabalho que precisaria ser desenvolvido.

Partindo para a prática, que daria início à construção da dramaturgia “Ciranda de Emoções”, iniciamos o processo de escolha de personagens e aí somos informados sobre a morte do esposo de uma das participantes, que por sinal era espectador infalível de nossos espetáculos. Mas um momento para lidar com a perda e aceitação da morte como processo inevitável da vida. Muitas conversas sobre o tema foram abordadas no grupo, no intuito de enfrentar, compreender e superar esse momento.

Voltamos aos ensaios e Magali a viúva, ficou alguns dias sem ir aos encontros. Ironicamente ela fazia uma personagem que rezava pra encontrar um noivo. Diante da situação optamos por colocar outra pessoa no lugar de Magali, pois entendíamos o sentimento que lhe envolvia nesse momento e em respeito à sua dor. Os ensaios seguiram e pra nossa surpresa Magali voltou para ensaiar, dizendo que precisava estar no grupo, no teatro, pois ali sim, conseguiria superar a dor da ausência de seu amado.

O espetáculo “Ciranda de Emoções” iniciava com elas revisitando a infância através das brincadeiras de roda despertando a ludicidade, perpassando pela adolescência até chegarem à vida adulta e seus cotidianos, transformado numa grande lagoa, coaxavam e declamavam o poema “Os sapos” de Manuel Bandeira, por horas esquecendo-se da seriedade da vida adulta se entregavam às brincadeiras de rodas e interrompidas por noivas que surgem rezando e pedindo um noivo ou perseguindo Santo Antônio, na tentativa de ser atendida. Num clima de nostalgia, eis que surge Nossa Senhora de Nazaré, triste e chorosa, por realizar a promessa de todo mundo e não ter uma simples festa junina para se divertir, querendo coisas simples como uma quadrilha para participar, um concurso de miss caipira, uma barraca de beijo onde possa distribuir seus “beijos santos” e outras brincadeiras típicas da época junina; como se não bastasse surgem ainda Santo Antônio, São Pedro e São João para reclamar junto à santa seus desejos juninos, deixando o elenco em polvorosa. Sem opção diante de tanto Santo reclamando, num passe de mágica o palco se transforma em um animado arraial, com direito a bandeirinhas coloridas, fogueira, barraca de beijo, música junina e uma grande quadrilha formada pelo público e elenco.

**Figura 20 - Cartaz de divulgação. Designer Cláudio Raposo, 2019.**



**Figura 21 - Cena da Ciranda-Cirandinha. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.**



**Figura 22 - Cena Tiro tiro lá. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.**



**Foto 23 - Cena da lagoa. Fotógrafo: Pierre Azevedo, 2019.**



**Figura 24 - Cena do Túnel do tempo. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.**



**Foto 25 - Cena do Arraiá. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.**



Foto 26 – Elenco. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.



Foto 27- Panorâmica Elenco/Plateia. Fotógrafo Pierre Azevedo, 2019.



#### 4 OS ATRAVESSAMENTOS NA MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Os três anos de minha vivência no projeto de extensão, quase o mesmo tempo de duração do curso, de certa forma trouxe o estágio antecipado e com um período mais longo de intenso aprendizado, enquanto agente e instrumento de vivência da teoria e da prática. Sendo o estágio o momento em que como discente venho para a realidade e passo a ser conhecedor da mesma, principalmente poder estabelecer princípios éticos e o compromisso enquanto cidadão, profissional e agente transformador, respeitando e valorizando a diversidade, contribuindo para formação integral de meus alunos como indivíduos participantes e ativos em seu contexto social e de minhas descobertas de fazer teatro alcançando cada participante a ultrapassar suas limitações e as minhas na função de professor da cena, intérprete da cena e criador de cena, limitações que me proporcionaram desenvolver as competências e habilidades profissionais e valores humanos, de importância imensurável para a minha formação.

“É impossível lançar alguma luz sobre a própria vida sem iluminar, em algum ponto, a dos outros” (BEAUVOIR, 2009, p. 4). Sinto-me contemplada com esta fala, e com os olhos marejados, transcrevo esses relatos de algumas de minhas alunas que falam sobre seus processos e resultados.

***Os relatos abaixo estão transcritos na íntegra, respeitando a escrita original e identificados pelo primeiro nome de cada participante com a devida autorização:***

1. *“O que a criatividade faz! É bem didático e relevante, um dos recursos, que a Prof<sup>a</sup>. Neire, do Projeto da Mem. Poesia e Teatro da Melhor Idade, usa como base para a construção de cenas para as nossas apresentações, é a Brincadeira de Rodas.*

*É interessante, porque, além de nos recrear, integrar, exercitar, nos remete à espaços da memória já quase esquecidos. Durante os ensaios, a professora pergunta pra nós qual cantiga que lembramos? Assim, fazemos uma viagem pelo tempo:*

*Onde morávamos? Onde brincávamos? Com quem brincávamos? Que outras brincadeiras fazíamos?*

*Dessa forma, a retrospectiva da infância vem a tona!*

*Umam colegas lembram as brincadeiras com mais facilidade, outras não lembram. Essa dinâmica da Brincadeira de Rodas, abre espaço ou serve de link para outros recursos didáticos que também serão incrementados na apresentação, como: diálogos sobre o cotidiano, poesia, danças, cultura regional, arte em geral, que complementam o que apresentação quer atingir como mensagem.*

*A Brincadeira de Rodas, é a parte da apresentação descontraída, leve, que ameniza muitas vezes, a "cobrança pesada", a reflexão que se quer "tocar" no público, na sociedade, como por exemplo: relacionamento humano, preconceitos, discriminação, abandono social, desamor, mau tratos, entre outros.*

*O que é legal, é que esse misto de emoções, lembranças, reflexões que o Teatro proporciona alcança o público que assiste, "convidando-os" ou "desafiandoos" a repensar, a refazer conceitos e atitudes. Temos tido depoimentos confirmando esses sentimentos, e isso é um retorno maravilhoso! (ISE)*

*2. Meu nome é Maria Aparecida Mendes Vaz ou Cida Vaz, 65 anos. Sou pintora, artes plásticas e Designer de Interiores, especialização em Gestão da Cooperacao Internacional pela UFPA. Atualmente estou fazendo um curso de Psicoterapia*

*Reencarnacionista e uma Pós-graduação em Naturologia – Práticas em Terapias Naturais e Holísticas na Faculdade Estratego. Sou divorciada. Tenho dois filhos adultos e independentes, três netos. Gosto muito de ler, estudar e conhecer tudo que posso dentro de mecânica quântica, teorias da conspiração, espiritualidade e vida natural. Sou vegetariana a caminho do veganismo, vivo sozinha mas feliz e de certa forma me sinto uma pessoa razoavelmente bem resolvida, livre, independente e segura do que sou...até que em uma aula de teatro com minha linda e querida professora Neire tomei conhecimento da criança que essa mulher que se considera empoderada guardava dentro de si.*

*O exercício ou prática se desenvolvia muito bem estando todas nós em posição circular e nossa professora Neire sugeriu que cada uma que fosse chamada se dirigisse para o meio do circulo onde seria adulta conversando com uma outra colega que iria interpretar sua criança. Fiquei horrorizada, simplesmente eu não me lembrava de ter sido criança e isso se algum dia fui!*

*FIQUEI GELADA, COM VONTADE DE IR EMBORA, SUMIR OU*

## SIMPLESMENTE NÃO VIVER TAL SITUAÇÃO.

*Não consegui me ver como criança e nem mesmo queria ver. Em cada colega que fazia a interpretação eu ficava mais gelada, me sentindo sem ar, em pânico e eu não sabia o que fazer e torcia para que minha vez demorasse ou que nunca chegasse. Na verdade eu nunca havia vivenciado algo tão bizarro e nem mesmo podia me lembrar de quanto poderia ser difícil imaginar minha infância ou a criança que fui. Não consegui prestar muita atenção no que faziam minhas colegas, minha atenção estava totalmente voltada para os meus fantasmas da infância, infância esta que realmente eu não queria reviver. Nem sei se algum dia eu fui criança, creio que minha infância se afogou nas tormentas do além mar ou do Corguinho que corria fétido próximo a minha casa da infância, a casa de meus pais adotivos é muito queridos. Os pais que o Amor Divino me deu de presente nessa vida de ausentes.*

*A vez de entrar no círculo como adulta e enfrentar minha criança demorou e fui quase a última. Fui firme e forte como sempre acreditei ser e minha criança veio em forma de uma querida colega também mineira que pedia doces e logo respondi que não pois esse era o motivo por eu ser uma adulta gordinha e comilona e enfim o tormento terminou porém teve início minha procura em entender o porque de evitar a lembrança da menina que fui um dia.*

*Enquanto a professora nos ensinava os passos para realizar nosso espetáculo mais o meu eu adulto se desentendia com meu eu infantil, cantigas de roda, não sei. Danças de roda, não sei. Rir, brincar e gargalhar como uma criança, não sei. Sei muito bem dançar e sorrir como adulta, como criança não e não sei onde ficaram perdidas essas coisas do mundo de mistérios guardados no universo da infância. Não consegui decorar uma linha e meia de palavras para dizer durante o espetáculo porque antes, nos íamos brincar de roda, bater nas mãos umas das outras como crianças e o pior sorrir como crianças.*

*Chegou o dia do espetáculo, na passagem do texto antes da apresentação mesmo escrevendo na mão a primeira palavra para não me esquecer acabei esquecendo que o nervoso me faria suar, coração bater mais forte e com isso a palavra escrita a caneta foi lavada pelo suor. Errei o texto e fiquei quase pedindo desculpas me senti culpada, fazendo algo errado e dessa forma certamente eu seria punida.*

*Então minha querida professora Neire me disse algo muito importante, que se eu errasse não tentasse explicar ou justificar, somente deixasse acontecer e seguisse em frente. Nessa hora entendi tudo.*

*Sempre procurei fazer o certo para não ser punida e de certa forma até hoje minha atuação no teatro da vida tem sido assim, mesmo que eu faça vários cursos precisarei fazer mais para sentir e mostrar minha competência. Moro só mas sigo todas as regras e cuidado da casa como se a qualquer momento os filhos fossem chegar e devem encontrar tudo perfeito. Me preocupo se caso eu morra e tudo estiver bagunçado seja a casa, a vida financeira e até mesmo minha vida pessoal. Vi na representação do sapo, no limpar frenético das trabalhadoras, no tic tac do tempo, na noiva, no santo Antônio, na Nazinha e na brincadeira no final do espetáculo que tudo como o próprio nome tão bem diz Ciranda de Emoções que a vida é somente isso uma ciranda e as emoções rios caudalosos mar sem fim onde é necessário buscar na coxíla do coração os personagens da criança, do jovem e adulto para enfim apaziguar essa coisa tremenda chamada EGO que grita frenético nos remetendo aos nefastos palcos dos dissabores mas dessa vez eu terminei o espetáculo rindo muito, gargalhando e fazendo macaquices oooops saporias pois afinal deixei rasgar a garganta pra sair a escuridão e dar lugar à luz dos holofotes quando eu consegui dizer para o público “Clame a saporias em criticas céticas, não há mais poesia mas há artes poéticas”.*

*EITA QUE EU ME SENTI GRANDIOSA rsrsrsrs*

*Precisei iniciar o texto de forma séria com nome, sobrenome, idade, profissão e cursos para terminar dizendo que graças a este lindo ser de nome Neire terminei o semestre e o espetáculo simplesmente como Cidinha.*

*Gratidão minha linda, inúmeras bênçãos de amor luz e paz em sua vida. Bjão (CIDA)*

3. *“Acho que o uso da brincadeira de roda é um recurso que além de suavizar os exercícios, mexe com a nossa. memória afetiva, no sentido do resgate da nossa criança interior. Sendo assim nos possibilita (re)viver emoções simples que renovam nossas energias vitais.*

*Sem duvida nenhuma, a brincadeira de roda estimula o imaginário e nos dá possibilidades que nem poderíamos imaginar. É meio mágico, ao mesmo tempo que*

*nos estimula, nos relaxa e nos liberta das amarras que nos impomos como adultos.(GRACITA)”*

*4. Uma amiga convidou-me para participar do projeto dizendo ser um remédio para pessoas introspectivas. Como eu me enquadrava nessa ótica, resolvi participar a fim de romper com minha timidez excessiva. Lá chegando, me fascinou a ideia de atuar em um espetáculo uma vez que, até então, me via somente na plateia. Portanto, convivendo num ambiente de preparação dos espetáculos me envolvi com o mundo da representação, onde me encontro, até hoje, e pretendo dar continuidade.*

*Quanto atuação da professora, usa metodologia tão envolvente que, sem percebermos, assimilamos todo conhecimento repassado, de atuação teatral, de modo prazeroso e, quase que, de forma imperceptível se compreende todo conteúdo repassado. Antes do teatro era tímida, calada, passiva e ele, para mim, algo inalcançável. De repente, me vi atuando e me realizando como pessoa e atriz; posso afirmar que não consigo viver fora do teatro. Na construção dos espetáculos, de início, nos sentimos inseguras, contudo, com o desenvolvimento do treinamento e ensaios surge, surpreendentemente, uma segurança de realização do que nos é proposto inicialmente, acrescentado pela recompensa de ver a sala lotada e a satisfação de bem representar e ser reconhecida pelo público. Minha participação no teatro me proporcionou mais destemor e segurança em outras situações e áreas diversas como, por exemplo, nas abordagens em público e no canto (MAGALI).*

Todas as construções cênicas no projeto de extensão por se tratarem de construções a partir de suas memórias tem grande significado! A respeito da memória da pessoa idosa, Ecléa Bosi nos diz que:

*[...] a velhice é o momento de despertar a alta função da lembrança. Não porque as sensações enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as relações seguem outra linha e desdobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora (BOSI, 1979, p. 39).*

Por meio das construções coletivas, formou-se um grupo sólido, que comunica entre si e com a comunidade acadêmica, da qual faz parte, por meio de suas obras. Novos contatos, novas gentes passam a fazer parte das vidas destas pessoas, que

colocaram em prática o sonho de atuar.

Também caem por terra muitos mitos que cercam a questão do envelhecimento: crenças errôneas de que a pessoa idosa é inflexível, de que não aceita com facilidade novas ideias, de que sua capacidade cognitiva e criativa vai diminuindo com o passar dos anos.

Muitíssimo pelo contrário, os participantes do projeto de Extensão, Teatro, Memória, Música e Poesia na Melhor Idade, por meio de seus trabalhos, comprovam que, se existe o estímulo adequado, se o desejo pela aprendizagem não fornecer, há muito que aprender e a memória, a cognição, a capacidade de criação e a vontade de experimentar algo novo não se perdem nos corredores do tempo. Não negamos e os alunos também não: há perdas com o passar dos anos, mas também existem ganhos, também pode haver satisfação, criação, sucesso e conquistas.

Agora o que diria Augusto Boal, se tivesse conhecido estas pessoas tão corajosas, tão despidas de seus medos e receios a ponto de serem capazes de realizarem apresentações abertas para um grande público. Talvez ele dissesse que o oprimido se levanta e toma novamente as ruas; sim, o idoso, independente da classe social, sofre com as vicissitudes do tempo, mas sofre mais ainda com os preconceitos e com o processo velado de cerceamento e opressão social a que é submetido.

Simple frase como “ele não tem mais idade para isso”, pode ter até um efeito inibidor para a vida dos idosos. Muitos talvez desistam de seus sonhos, internalizando a crença de que “não tem mais idade”, para isso ou para aquilo, sem perceberem o quão ideológicas são estas crenças e a quem interessa perpetuá-las.

## 5 CONCLUSÃO

Iniciei meus relatos falando de minhas memórias, das travessias, de afetos, dos acasos, dos aprendizados que fazem me sentir emareada. Percebo o quão necessário e enriquecedor são essas vivências, embora nos momentos em que aconteciam nem sempre percebesse assim. Momentos esses que permanecem em mim e me afetam em toda a minha vida emocional e profissional, porém com outra organização que me fortalece.

O referido trabalho me fez mergulhar em minha história, história de uma mulher que guarda em sua memória a importância dos seres velhos que habitaram e habitam em minha vida.

Pude perceber a força de meus avós em minha trajetória e uma enorme saudade do lugar onde nasci. Trabalhei com um público que tem um crescimento populacional que merece atenção especial, pois são seres que trazem consigo histórias de suas vidas e registros da história da humanidade, portanto guardiões de conhecimentos que podem contribuir em muito para a construção de uma sociedade mais ética.

Das travessias ao acaso me vi fazendo e estudando teatro. Nesses anos em meio de minha formação me defronto com um dos autores mais importantes do teatro latino-americano, que foi Augusto Boal e nele pude perceber o quanto eu era oprimida e o quanto a velhice é opressora para o ser humano. Junto com ele a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, e foram eles que deram voz aos seres de minha pesquisa, trazendo-lhes quebra ao silêncio e ao esquecimento e que se empoderaram com a força do fazer teatral, e conscientes de suas limitações, ultrapassam-nas, resgatando sua autonomia e cidadania por meio das atividades teatrais trazidas para o palco nas atividades artísticas, reforçando o potencial do teatro como atividade que instiga e fortalece o idoso, a se reafirmar como cidadão capaz, dando-me amparo para as minhas descobertas enquanto docente.

Foram quatro anos de travessias dos quais, três mergulhados em uma sala de aula, ouvindo, provocando, jogando, recebendo, compartilhando, vivenciando, aprendendo e trocando com pessoas, que ao olhar da sociedade, estão à margem da vida, me mostram o quão reinventar e ressignificar a vida é necessário para que todas

as experiências possam auxiliar o nosso crescimento e que ensinar e aprender é estar aberta a compreender saberes, saberes esses muitas vezes escondidos por entre os que à margem estão, e estão para além do espaço acadêmico, reforçando a importância da relação universidade e comunidade para o ensino/aprendizagem.

Percebo a necessidade e urgência para olhar e criar mais espaços tais como o projeto de extensão, espaço de troca e questionamentos, fortalecimentos e apropriação de memória e espaço vital para o resgate do cidadão na melhor idade. Como contribuição para a formação conceitual de cidadãos e artistas professores, ampliando o campo de atuação dos profissionais de teatro e de outras áreas artísticas, principalmente no contexto político e social em que se vive.

Sinto-me fortalecida, feliz por transferir o que sei e por aprender o que ensinei. Feliz por saber que a minha escolha me fez cruzar os caminhos de outras pessoas, que afetadas, afetam outras, tornando-se uma grande e imensurável cadeia de afeto e possíveis contribuições para as realizações de outras pessoas, de outros modos de viver, e não o que é colocado como fôrma. Tornei-me rica em memórias minhas e das minhas alunas e enquanto mulher cidadã me sinto preparada para a chegada do entardecer de minha idade, “SENHORA DO MEU TEMPO”, repleta de sabedoria e compartilhamento de vidas, ao mesmo tempo consciente de minha responsabilidade social de professora de teatro.

Diante dessa perspectiva, tomo a iniciativa como cidadã que vivenciou e acredita na arte em todas suas potencialidades. Coloco a minha residência construída para minha morada de meus filhos, hoje em suas próprias residências num processo natural, essa citada entre várias conquistas graças a Deus, que cada um alcançou, como espaço de fazer e partilha da arte, retomando o meu projeto inicial “Alegria agora e Amanhã” que deixei em repouso por conta da Licenciatura, e para outras possibilidades do fazer artístico compromissado com a sociedade, assim habitada por toda uma trajetória de amor que chamarei de morada da arte.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo V. 2.** A experiência vivida, difusão europeia do livro, 1967.

\_\_\_\_\_. **A força da idade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BETHÂNIA, Maria. O lado quente do ser. **Letras.** Disponível em: [letras.mus.br/maria-bethania/164710/](http://letras.mus.br/maria-bethania/164710/). Acesso em: 13 Fev. 2018.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1982.

\_\_\_\_\_. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Arco-íris do Desejo: método Boal de teatro e terapia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teatro do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. **Bela Frase.** 2009. Disponível em: <http://belafrase.blogspot.com/2009/05/atores-somos-todos-nos-e-cidadao-nao-e.html?m=1>. Acesso em: 13 Fev. 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. a Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir.** Lisboa: Relógio D'água. Editores Ltda., 1984.

BLANCHOT, Maurice. Combate Avec l'ange In: **L'amitiê.** Paris: Editions Gallimard, 1971.

Citrino o Cristal da Prosperidade [s.d.]. **Cristal Aquarius.** Disponível em: <https://www.cristaisaquarius.com.br/blog/significado-citrino-pedra/>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

Dados Sobre o Envelhecimento no Brasil – Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos>. Acesso em: 15 Out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONZAGUINHA. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Gonzaguinha>. Acesso em: 10 Dez. de 2019.

JOBIM, Tom. Garota de Ipanema. **Letras.** Disponível em: [letras.mus.br/tom-](http://letras.mus.br/tom-)

jobim/20018/. Acesso em: 13 Fev. 2018.

Piso Korodur [s.d.]. **PISOLIX**. Disponível em: <http://www.pisolix.com.br/piso-korodur>. Acesso em: 19 nov. 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Les confessions. *In: Oeuvres complètes*, I. Paris: editions Gallimard, 1959.

Síndrome do Ninho Vazio. **Wikipedia**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome\\_do\\_ninho\\_vazio](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_do_ninho_vazio). Acesso em: 10 Out. 2017.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais**: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectivas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Improvisação para o teatro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva S. A., 2010.

STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: **A transparência e o obstáculo**: seguido de sete ensaios sobre Rousseau. São Paulo: Companhia de Letras, 1991.

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 jogos para grupos**: Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. São Paulo: Ágora, 1995.